

Análise de Discursos Textuais e Aspectos Linguísticos

Com base na imagem, responda às questões (1) e (2):



Adaptado de blogdokayser.blogspot.com.br.

1. Na charge, além da crítica à arte moderna presente na fala do personagem, é possível identificar ainda outra crítica.

Esta outra crítica está relacionada ao seguinte aspecto:

- a) moral
- b) estético
- c) econômico
- d) acadêmico

2. Ao formular sua crítica, o personagem demonstra certo distanciamento em relação à arte moderna. Uma marca lingüística que expressa esse distanciamento é o uso de:

- a) terceira pessoa
- b) frase declarativa
- c) reticências ao final
- d) descrição do objeto

Com base na imagem a seguir, responda às questões (3) e (4):



3. O sentido da charge se constrói a partir da ambigüidade de determinado termo.

O termo em questão é:

- a) fora

- b) agora
- c) sistema
- d) protestar

4. A disposição dos manifestantes contrasta com a atitude do homem de terno e gravata. Essa atitude, no que diz respeito ao uso da linguagem, caracteriza-se por:

- a) falsa indignação
- b) pouca formalidade
- c) clara agressividade
- d) muita subjetividade

Com base no texto abaixo, responda às questões

Igual-Desigual

Eu desconfiava:
todas as histórias em quadrinho são iguais.
Todos os filmes norte-americanos são iguais.
Todos os filmes de todos os países são iguais.

5 Todos os *best-sellers*¹ são iguais
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.
Todos os partidos políticos
são iguais.

10 Todas as mulheres que andam na moda
são iguais.
Todas as experiências de sexo
são iguais.
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós² são iguais

15 e todos, todos
os poemas em verso livre são enfadonhamente iguais.

Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais iguais iguais.

20 Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.

25 Ninguém é igual a ninguém.
Todo ser humano é um estranho
ímpar.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
Nova reunião: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

¹ *best-sellers* – livros mais vendidos
² gazéis, virelais, sextinas, rondós – tipos de poema

5. O poema de Carlos Drummond de Andrade se caracteriza por uma repetição considerada estilística, porque é claramente feita para produzir sentido. Pode-se dizer que a repetição da expressão “são iguais” é empregada para reforçar o sentido de:
- a) afirmação de igualdade no mundo de hoje
 - b) subversão de igualdade pelo raciocínio lógico
 - c) valorização da igualdade das experiências vividas
 - d) constatação da igualdade entre fenômenos diversos

6. “e todos, todos

os poemas em verso livre são enfadonhamente iguais”

Os versos livres são aqueles que não se submetem a um padrão.

Considerando essa definição, identifica-se nos versos acima a figura de linguagem denominada:

- a) antítese
- b) metáfora
- c) metonímia
- d) eufemismo

7. O título do poema anuncia a noção de desigualdade.

Pela leitura do conjunto do texto, é possível concluir que a desigualdade entre os homens diz respeito principalmente a:

- a) traços individuais
- b) convicções políticas
- c) produções culturais
- d) orientações filosóficas

Com base no texto abaixo, responda às questões (8), (9) e (10):

O chá, os fantasmas, os ventos encanados...

Nasci no tempo dos ventos encanados, quando, para evitar compromissos, a “gente bem” dizia estar com enxaqueca, palavra horrível mas desculpa distinta. Ter enxaqueca não era para todos, mas só para essas senhoras que tomavam chá com o dedo mindinho espichado. Quando eu via aquilo, ficava a pensar sozinho comigo (menino, naqueles tempos, não dava opinião) por que é

5 que elas não usavam, para cúmulo da elegância, um laçarote azul no dedo...

Também se falava misteriosamente em “moléstias de senhoras” nos anúncios farmacêuticos que eu lia. Era decerto uma coisa privativa das senhoras, como as enxaquecas, pois as criadas, essas, não tinham tempo para isso. Mas, em compensação, me assustavam deliciosamente com histórias de assombrações. Nunca me apareceu nenhuma.

10 Pelo visto, era isso: nunca consegui comunicar-me com este nem com o outro mundo. A não ser através d’*O tico-tico* e da poesia de Camões, do qual até hoje me assombra este verso único: “Que o menor mal de tudo seja a morte!” Pois a verdadeira poesia sempre foi um meio de comunicação com este e com o outro mundo.

MÁRIO QUINTANA

Mário Quintana: poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

8. O texto de Mário Quintana se baseia em duas oposições: “gente bem” versus “criadas” e “este mundo” versus “o outro mundo”.

“O outro mundo” é representado, no texto, por alguns elementos evocados pelo narrador.

A expressão que melhor identifica tais elementos é:

- a) ventos encanados
- b) moléstias de senhoras
- c) anúncios farmacêuticos
- d) histórias de assombrações

9. Além da comparação entre papéis sociais, há no texto outra comparação, implícita, que indica uma compreensão do narrador acerca de comportamentos na sociedade.

Essa comparação implícita está em:

- a) Menino, naqueles tempos, não dava opinião
- b) Também se falava misteriosamente em “moléstias de senhoras”
- c) Nunca me apareceu nenhuma
- d) Até hoje me assombra esse verso único

10. O segundo parágrafo do texto revela mais claramente a compreensão do menino acerca daquela sociedade de papéis bem definidos, a partir da situação econômica de cada um. O par de vocábulos, presentes no texto, que remete à divisão entre grupos sociais, tal como caracterizada pelo narrador, é:

- a) Chá – fantasmas
- b) Elegância – laçarote
- c) Privativa – verdadeira
- d) Encanados – espichado

11. Verbo ser

QUE VAI SER quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Não quero ser. Vou crescer assim mesmo. Sem ser. Esquecer.

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

A inquietação existencial do autor com a autoimagem corporal e a sua corporeidade se desdobra em questões existenciais que têm origem

- a) no conflito do padrão corporal imposto contra as convicções de ser autêntico e singular.
- b) na aceitação das imposições da sociedade seguindo a influência de outros.
- c) na confiança no futuro, ofuscada pelas tradições e culturas familiares.
- d) no anseio de divulgar hábitos enraizados, negligenciados por seus antepassados.
- e) na certeza da exclusão, revelada pela indiferença de seus pares.

12.



Que estratégia argumentativa leva o personagem do terceiro quadrinho a persuadir sua interlocutora?

- a) Prova concreta, ao expor o produto ao consumidor.
- b) Consenso, ao sugerir que todo vendedor tem técnica.
- c) Raciocínio lógico, ao relacionar uma fruta com um produto eletrônico.
- d) Comparação, ao enfatizar que os produtos apresentados anteriormente são inferiores.
- e) Indução, ao elaborar o discurso de acordo com os anseios do consumidor.

13. Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra num desses meus badulaques. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” — do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa”(sic!) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, R. Mais badulaques. São Paulo: Parábola, 2004 (fragmento).

De acordo com o texto, após receber a carta de um amigo “que se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário” sinalizando um erro de grafia, o autor reconhece:

- a) a supremacia das formas da língua em relação ao seu conteúdo.
- b) a necessidade da norma padrão em situações formais de comunicação escrita.
- c) a obrigatoriedade da norma culta da língua, para a garantia de uma comunicação efetiva.
- d) a importância da variedade culta da língua, para a preservação da identidade cultural de um povo.
- e) a necessidade do dicionário como guia de adequação linguística em contextos informais privados.

Gabarito

1. C
2. A
3. C
4. B
5. D
6. A
7. A
8. D
9. A
10. A
11. A
12. E
13. B